

Vacilações e ambigüidades sobre a crise (final)

Wilson Cano (*)

O documento do senhor Mário Garnero, ("Compromisso inadiável", FSP 21/07), entre outras coisas, diz que, hoje, o que está de fato em jogo é a tradição do Brasil de assumir e honrar seus compromissos externos. Reduz a questão, portanto, à "honra nacional", esquecendo-se de que tais compromissos geraram uma série de graves problemas a esta mesma Nação.

Esquece que honrar seus compromissos, nos termos impostos pela "negociação" que a tecnocracia fez junto ao FMI e banqueiros internacionais, significa desonrá-la, forçando-a a



abdicar do seu destino soberano, "argentinizando" sua economia com o sucateamento inevitável de suas principais indústrias e sacrificando desnecessariamente seu povo.

Em outra passagem, o articulista proclama a aplicação de uma política de efetiva seriedade na luta contra a inflação. Pergunto: pode-se considerar como séria, e socialmente honesta, uma política de combate à inflação que descarrega sua ira fundamentalmente sobre a classe trabalhadora, sobre aqueles que percebem salários ínfimos para o atendimento de uma vida minimamente digna? Uma política séria contemplaria, inevitavelmente, a renegociação da dívida externa e uma ampla reforma fiscal. Sem isso, tal política nada mais é do que uma incompetente farsa!

Combatendo a idéia da moratória, o artigo tenta apregoar que "estamos a ver um grau de tolerância razoável (da finança internacional) em face dos compromissos nacionais". Ora, será que essa tolerância não significa a impraticabilidade do protesto internacional privado sobre a dívida externa brasileira, dado que somos seu maior devedor?

Parece que as lideranças do passado, como a já lembrada de Simonsen, tinham, na verdade, propósitos nacionais mais evidentes do que os apresentados no artigo comentado.

O terceiro documento é a ordem do dia em homenagem a Santos Dumont, baixada pelo brigadeiro Délio Jardim, ministro da Aeronáutica. Escrita em teor enigmático, suscitou vários comentários na imprensa.

Começa com a seguinte frase: "Antes que o médico do poeta nos ensine que a única coisa a fazer é tocar um tango, é preciso criar um fato novo". O que significam as expressões tango, médico e poeta? O que estará querendo dizer, mais à frente, que a "festa não acabou", que "é preciso mudar o ritmo" e que a, mudança "não é função de quem dança, mas, antes, de quem toca"? Estaria tentando fazer, metaforicamente, uma contundente crítica às autoridades econômicas do País, advertindo-as de que a possibilidade de uma "argentinização" da nossa economia é muito séria, e que, portanto, há que mudar com urgência a política econômica? Bem, fosse essa a preocupação do ministro e fosse esse o sentido de

sua cifrada mensagem, estaríamos satisfeitos, tendo em vista que pelo menos um membro do primeiro escalão do governo se estaria manifestando contundentemente contra o atual estado de coisas.

Se assim é, por que não usar a clara e insofismável linguagem simples? A Nação, com isso, teria ganho mais.

Concluindo, penso que já está mais do que na hora de as chamadas elites empresariais assumirem suas efetivas responsabilidades. Como diz o dito popular, quem cala consente. Não é justo permitir que o ônus do protesto e da declaração de basta a esse estado de coisas recaia apenas sobre a classe trabalhadora.

(*) Professor livre-docente da Unicamp